

FONTES PARA A INCOMPREENSÃO DE MACHADO DE ASSIS

Alcmeno Bastos

Machado de Assis é considerado hoje, sem dúvida, o maior escritor brasileiro de até o século XIX. Misturado aos que vieram depois, e com eles cotejado, permanece nome certo em todas as listas de excelência literária, qualquer que seja sua extensão. Terá sido sempre assim? Machado de Assis não teve críticos desfavoráveis? Seu prestígio já não andou em baixa? Em algum momento deixou de ser “unanimidade nacional”?

A resposta é positiva. Começemos por este comentário a respeito de como a ficção machadiana teria sido incapaz de “refletir” a realidade brasileira:

Em que grau, em que medida, sob que formas, refletiram-se esses momentos históricos e essas batalhas do povo brasileiro, na obra de Machado de Assis? Não se refletiram de nenhum modo, ou nela repercutiram frouxamente. Em geral, essa obra não é um reflexo real da vida e da luta, das dores e alegrias, das aspirações e esperanças do grande e heróico povo brasileiro. Nela, não encontramos os nossos problemas básicos, sociais e nacionais.¹

Os “momentos históricos” e as “batalhas do povo brasileiro” de que Machado de Assis foi contemporâneo - a “decadência do regime escravista e monarquista”, a “penetração e o desenvolvimento do capitalismo estrangeiro”, a “formação e desenvolvimento da classe operária”, por exemplo² - deveriam, no entender do autor do texto acima, Octavio Brandão, fazer da sua obra “um reflexo real da vida e da luta etc.” Tal não acontecendo, condena-se o criador de Brás Cubas pelo crime inafiançável de não ter feito de seus romances e contos a contraparte ficcional da vida *real*, entendida, aliás, apenas na sua dimensão coletiva, “histórica”.

Octavio Brandão, o censor, exemplifica um tipo de incompreensão sobre Machado de Assis hoje aparentemente superado: o do crítico marxista que aviava a receita da “teoria do reflexo” lukacsiana como critério definidor de qualidade literária. Seu instrumento de trabalho no livro em questão era a “Análise Crítica Ideológica” (sic), cuja credencial primeira consistiria em ser “dinâmica, batalhadora e revolucionária”³. E se hoje nos soa caricatural, insustentável até mesmo (ou sobretudo) pelos críticos de formação marxista que ainda se colocam no âmbito da reflexão lukacsiana sobre as relações da obra de arte com a realidade, a diatribe de Octavio Brandão serve, ao menos, de resposta à questão inicialmente formulada quanto a ser ou não Machado de Assis “unanimidade nacional”.

Ainda em vida, a despeito da inusual consagração, Machado teve seus contestadores. Sílvio Romero terá sido, talvez, o mais ilustre dentre eles. Em 1897 publicou um “Estudo comparativo de literatura brasileira” sobre Machado de Assis, condenando, por falsidade, justamente qualidades que a crítica de então já reconhecia no autor das *Me-*

¹BRANDÃO, Octavio. *O niilista Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Simões, 1958. p. 96.

²Ibidem, p. 95.

³Ibidem, p. 12.

mórias póstumas de Brás Cubas: o ceticismo, o humorismo. Além disso, fazia restrições à sua “incapacidade de composição”, a despeito de reconhecer-lhe algum mérito⁴. Sílvio Romero, obcecado pela idéia de entronizar Tobias Barreto não apenas na regência da chamada Escola do Recife, mas na da própria literatura brasileira como um todo, repetiria a dose na sua caudalosa *História da literatura brasileira*. Aqui, a análise é centrada nos “elementos capitais: o estilo, o *humour*, o pessimismo, os caracteres”⁵ da ficção machadiana. Quanto ao estilo de Machado de Assis, que lhe parecia “fotografia exata do seu espírito, de sua índole psicológica indecisa” (p. 1506), já que era o “resultado de uma lacuna do romancista nos órgãos da palavra” (p. 1506), isto é, da gagueira, de modo a deixar-nos “a impressão dum tal ou qual tartamudear” (p. 1506), Sílvio Romero garantia não ter “colorido” (p. 1506), nem “força imaginativa” (p. 1506), sendo, em resumo, “plácido e igual, uniforme e compassado” (p. 1506).

A amostragem acima é bastante para informar-nos dos equívocos de Sílvio Romero. Afora a ridícula determinação fisiológica, o crítico impõe a Machado, para reconhecer-lhe méritos de estilo, traços que justamente *não* são seus: “movimentação”, “abundância” e “variedade do vocabulário” (p. 1506); incapaz, assim, de perceber que o importante era a funcionalidade de todos os elementos estilísticos *presentes* no texto para a produção de um sentido, não suas eventuais carências, em nome de um padrão discutível de opulência.

A tônica das demais considerações é, como no caso do estilo, a da negatividade. Não apenas Machado estava incapacitado, por seu “temperamento” e por sua “psicologia” (p. 1511), para o legítimo “**humour**, essa particularíssima feição da índole de certos povos” (p. 1511). Na verdade, o brasileiro, genericamente considerado, também o era, pois “Nossa raça em geral é incapaz de o produzir espontaneamente” (p. 1511)⁶. Também o pessimismo de Machado era artificial, e pela mesma razão genética: “nós os brasileiros não somos em grau algum um povo de pessimistas” (p. 1512). Por fim, Machado “não conseguiu criar um verdadeiro e completo tipo vivo, real” (p. 1515), mas apenas “alguns esboços” (p. 1515) - observe-se que, conforme nota (p. 1520) do organizador da edição de que nos valem, este capítulo é uma condensação do estudo de 1897, avaliação definitiva, portanto, já que o arrolamento das obras de Machado alcança o *Memorial de Aires*, publicado em 1908. Como ponto positivo, embora não pelas razões apontadas por Sílvio Romero - o “caráter essencial de sua obra de mestiço” -, é de justiça destacar o acerto do reconhecimento, por parte de Sílvio Romero, de que Machado de Assis “pode e deve ser também apreciado pelo critério nacionalista” (p. 1518).

⁴Cf CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Nova edição, com um apêndice de Assis Brasil, incluindo 47 novos escritores. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 193.

⁵ROMERO, Sílvio. Machado de Assis. In: ---. *História da literatura brasileira*. Tomo Quinto. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960. p. 1506. As demais citações deste trabalho virão acompanhadas, no corpo do texto, pela indicação do número de página. No estudo de 1897, Sílvio Romero escrevera: “Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como outros na palavra falada.” E Lúcia Miguel Pereira (*Machado de Assis*. Estudo crítico e biográfico. 4. ed. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1949. p. 215), comentando a opinião de Afrânio Peixoto, que reconhecia poder existir “uma influência das pausas respiratórias do autor sobre o seu modo de escrever”, conclui jocosamente: “Se assim for, abençoemos a gagueira que nos valeu as límpidas frases do grande clássico brasileiro.” (Ibidem, p. 215).

⁶Vianna Moog refutaria, mais tarde, essa tese, reconhecendo um tipo de herói de que não cogitara Carlyle - “o herói da decadência”, de que seriam representantes os latinos Petrônio, Cervantes e Machado de Assis (Cf. MOOG, Vianna. *Heróis de decadência: Petrônio, Cervantes, Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964).

Opinião semelhante à de Sílvio Romero é a de Lima Barreto. Sob o império da mesma concepção determinista que o levada a afirmar: “A Arte, por sua natureza mesma, é uma criação humana dependente estreitamente do meio, da raça e do comento - todas essas condições concorrendo concomitantemente.”⁷, o criador de Policarpo Quaresma não escondia sua aversão a Machado de Assis. Recusava qualquer parentesco literário com o criador de Capitu. Achava-o túbio em questões de língua - “Machado escrevia com medo do Castilho e escondendo o que sentia, para não se rebaixar”⁸ -; falso - “Não tem naturalidade. Inventava tipos sem nenhuma vida.”⁹ -; e indiferente às questões sociais - “Machado era um homem de sala, amoroso das coisas delicadas, sem uma grande, larga e ativa visão da humanidade e da Arte”¹⁰. Por essa época de sua vida, Lima Barreto estava apaixonado pelo que então era chamado de Maximalismo, e entendia que a obra de arte deveria ter uma finalidade social, o que julgava não existir em Machado, tomando como absentismo o que a crítica, mesmo de inspiração marxista, viria mais tarde a reconhecer como fino processo de corrosão interna da sociedade representada nos seus romances.

Outro nome de antipatizante de Machado de Assis, sem o peso de Sílvio Romero ou de Lima Barreto, porém, foi Hemetério dos Santos, que “quebrou a unanimidade dos elogios, atacando grosseiramente a personalidade humana do defunto autor”, como anota Otto Maria Carpeaux na sua *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira* (p. 193). A acusação é de que Machado “teria renegado suas humildes origens de família de proletários de cor, desinteressando-se da Abolição” (ibidem, p. 196). Raimundo de Magalhães Jr. não tem dúvidas em refutar o veredicto de Hemetério dos Santos. Garante que “provas em contrário se acumulam em sua obra”¹¹, ressaltando, porém, que o lugar certo onde encontrá-las é “a parte nitidamente jornalística”¹², não os romances e os contos, isto é, sua obra de ficção. Se, por um lado, o exercício da crônica, pela natureza episódica da modalidade, permitia ao escritor o depoimento na hora mesma em que o fato social o reclamava - e nesse sentido as “provas” arroladas por Raimundo Magalhães Jr. são irrefutáveis -, por outro o *lugar* de Machado de Assis na vida brasileira lhe é reservado antes de qualquer outra coisa por sua obra ficcional, de modo que a defesa não deixa, por seu turno, de constituir também uma espécie particular de incompreensão. Mais relevante é, sem dúvida, este outro argumento do próprio de Raimundo Magalhães Jr.: “Machado de Assis não era homem para banalizar-se em tiradas de oratória popular, ou em assomos de panfletário. Tinha sua maneira pessoal e única de dizer as coisas. E as dizia.”¹³

Embora sem desenvolver a argumentação, Raimundo Magalhães Jr. foi muito feliz ao remeter a questão para a “maneira pessoal e única de dizer as coisas”, pois sabemos que a singularidade de Machado de Assis como depoente da realidade de seu

⁷“Uma fita acadêmica”, artigo publicado no jornal *A.B.C.* de 02.08.1919 e reproduzido in *Feiras e mafú-ás*, p. 34-42. Cf. BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto: 1881-1922*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, INL, 1981. p. 245.

⁸Carta a Austregésilo de Ataíde publicada na *Revista do Brasil* de maio de 1941, p. 54-A, cf. BARBOSA, Francisco de Assis. Obra citada, p. 243.

⁹“Trecho da iniciação literária”, por Austregésilo de Ataíde, revista *O Cruzeiro* de 11.06.1949, cf. BARBOSA, Francisco de Assis. Obra citada, p. 243.

¹⁰Vide nota 7.

¹¹MAGALHÃES JR., Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed., texto definitivo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957. p. 151-152.

¹²Ibidem, p. 152

¹³Ibidem, p. 164.

tempo está menos no arrolamento de fatos históricos localizáveis no seu texto e mais no tratamento desvelador a eles dispensado. Desvelador das motivações não confessadas, dos arreglos não formalizados, da acomodação proveitosa dos novos donos do poder, enfim, da sinuosidade do jogo social. Claro está que para dar conta dessa realidade enevoadada não quadraria o ataque frontal, o tom panfletário.

A incompreensão também pode acontecer “a favor”. No conjunto, a obra de Raimundo Magalhães Jr., realizada com a sua competência inegável de pesquisador, não deixa de ser uma tentativa de “absolver” Machado das incompreensões “contra” ele praticadas. Tanto quanto a que levou Gondin da Fonseca a transcrever uma página de João Ribeiro na qual este traçara um retrato cáustico de Machado de Assis: “A sua insensibilidade pela dor humana é absoluta; o seu egoísmo é sem limites.”¹⁴, para, em seguida, afirmar:

*O único erro desta lúcida apreciação é que Machado não ficou indiferente à guerra do Paraguai. Contra a Mãe-Pátria, feria-o qualquer agressão, embora leve, - quanto mais uma guerra! Na política, sim, mantinha-se neutro por ser tumulto dos homens.*¹⁵

Para que se entenda o sentido dessa concordância parcial de Gondin da Fonseca com a “lúcida apreciação” de João Ribeiro, é necessário esclarecer que no aludido texto fora reiterada a acusação de desinteresse, da parte de Machado de Assis, pelas “nossas grandes causas”, das quais eram citadas “a da guerra [do Paraguai], da abolição e da República”. E indispensável é dizer que o reparo de Gondin da Fonseca - “Machado não ficou indiferente à guerra do Paraguai” - só pode ser compreendido no quadro da sua inusitada tese, segundo a qual a obra de Machado de Assis revela sua fixação na figura da mãe, simultaneamente amada, enquanto saudade irreparável, e odiada, por faltar-lhe: “(. . .) Decepções infantis impeliram-no ao amor exclusivo da Mãe, simbolizada na sua face egoísta e impassível por Humanitas e na sua face benigna pela Pátria”¹⁶. Assim é que o célebre delírio de Brás Cubas é submetido por Gondin da Fonseca a uma análise delirante baseada em ousadas associações simbólicas: o hipopótamo que o conduz às origens dos tempos é o *pai*, escuro como o era o pai de Machado, e a “fonte dos séculos” é o ventre materno, para onde é levado o herói ainda na condição de espermatozóide. Metonimicamente, o hipopótamo é nada menos que o pênis paterno, já que a metáfora do coito como cavalgada, diz Gondin da Fonseca, é “comuníssima”... A mãe, já referenciada pelo útero, é amplificada na figura da misteriosa mulher branca que aparece a Brás Cubas e se apresenta nos seguintes termos: “- Chama-me Natureza ou Pandora; sou tua mãe e inimiga.”

A maioria esmagadora das incompreensões “contra” Machado de Assis parte, como se pode ver dos exemplos acima, de circunstâncias biográficas, mesmo quando alcançam o plano literário. Entre elas pode ser mencionada a absurda interpretação que Jorge Amado dá para a recepção que Machado de Assis tributou a Castro Alves, quando este esteve no Rio de Janeiro em 1868. Como é sabido, o jovem poeta baiano veio recomendado a José de Alencar por um seu conterrâneo. Alencar, depois de o receber em

¹⁴RIBEIRO, João. *Crítica*. Vol. I. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1952. Apud FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o hipopótamos; uma revolução biográfica*. São Paulo, Fulgor, 1961. p. 205.

¹⁵Ibidem, p. 206.

¹⁶Ibidem, p. 198.

sua casa, de ouvir-lhe diversos poemas e o drama *Gonzaga ou a Revolução de Minas*, recomenda-o, por sua vez, por carta, a Machado de Assis, a quem trata de “o primeiro crítico brasileiro”. Machado de Assis, num domingo de carnaval, sai de seus cuidados e visita Castro Alves no hotel onde este se encontrava hospedado. Também lhe ouve os versos, também lhe ouve a leitura do *Gonzaga* e publica a carta-resposta a Alencar, endossando o talento do jovem poeta baiano, com pequenas restrições que o próprio Alencar já fizera, na carta de recomendação. Mais ainda: promove, dias depois, calorosa recepção a Castro Alves, na redação do jornal *Diário do Rio de Janeiro*, abrindo-lhe assim as portas do meio intelectual da Corte. Jorge Amado, no entanto, depois de repetir a acusação de desinteresse político:

Nenhum escritor tem sido menos amado que esse homem que poderia ter sido o maior de sua terra. Ninguém se sente nele, atravessou o clima político do Brasil sem tomar conhecimento dele. Como que só os pequenos acontecimentos encontravam eco no seu coração.

avança até a deselegância de julgar Machado de Assis invejoso da possível glória alheia:

Sua voz só encontrava prazer com palavras de elogio para aqueles que não lhe podiam fazer concorrência. Temeu sempre o aparecimento de um nome que pudesse ofuscar o seu. Vaidoso de ser chamado o primeiro romancista da língua portuguesa do seu tempo, guardava um prudente silêncio sobre as figuras que pudessem ofuscar a sua luz.

e não se dá por vencido nem mesmo com a evidência de que o fato que relata prova justamente o contrário do que afirma, concedendo apenas num comentário maldosamente intrigante:

E até mesmo esse homem feito de reservas, desconfiado e difícil, se deixa seduzir pela nova poesia que desce do Norte. (. . .) o ter conquistado a admiração de um homem tão distante da sua poesia e dos motivos que a determinavam, é um dos maiores triunfos de Castro Alves.

Triunfo de Castro Alves, sem dúvida, mas também dos dois outros gigantes que o acolheram e o recomendaram ao favor do público e da crítica. Triunfo sobretudo de Machado de Assis, que tão bem se desincumbiu da tarefa de ser para Castro Alves, como lhe pedira José de Alencar, “o Virgílio do jovem Dante”. Jorge Amado, porém, na cegueira do militante, torce flagrantemente o sentido dos fatos e não reconhece a grandeza *objetiva* do gesto de Machado de Assis, que, a julgar-se pelo que fez *em favor* de Castro Alves, não se amedrontou com a possibilidade do “aparecimento de um nome que pudesse ofuscar o seu”.

Nesta aproximação que intentamos, e pelas limitações de espaço, fecharemos a amostragem com um exemplo de incompreensão a respeito dos próprios processos discursivos machadianos. E é um exemplo ilustre: Augusto Meyer.

Referindo-se à Flora de *Esaú e Jacó*, diz que ela foi “desenhada a esfuminho, sem caprichos demorados no traço.”¹⁷ A esfuminho, sim, mas o processo em si já dispensa os caprichos demorados, porque justamente faz da imprecisão, da vaguidade intencional o elemento definidor do retrato. E sendo Flora quem é, o “próprio mito da hesitação”, ainda nas palavras de Augusto Meyer, que outro tipo de desenho poderia ser o seu? Se ela não tem “carne nem sangue”, se é a expressão do pensamento de Machado, essencialmente dubitativo, há perfeito acordo entre processo e resultado.

Augusto Meyer insinua ainda uma ligação entre Flora e o “momento político e social”, daí não tirando, porém, a conclusão que nos parece pertinente. Reconhece que no *Esaú e Jacó* os pontos acima mencionados “foram tratados com preocupação evidente”. Entretanto, “a musa de Machado” - que “não tem carne nem sangue”, repetamos - “se desfaz em fantasmagoria” quando projetada contra a realidade política e social. Não explicitado, parece haver nas palavras de Augusto Meyer o queixume muito nosso conhecido: o absentismo político de Machado de Assis impedia-o de representar com vigor as “grandes causas” do seu tempo. Se era assim, que fazem juntos no mesmo parágrafo - na verdade, uma nota de pé de página - a personagem evanescente da virgem que não se decide por um por outro dos gêmeos e o “momento político e o meio social”? A articulação que escapou à argúcia de Augusto Meyer é a seguinte: Flora não deixa de pender para Paulo ou Pedro apenas por um traço de seu temperamento irresoluto. Ela, na verdade, antes de ser a mulher *por quem* lutam os gêmeos, é o lugar *onde* se digladiam eles. Esta é a sua função na arquitetura do relato. Todo o simbolismo da alternância pendular Paulo-Pedro/Pedro-Paulo encontra em Flora sua realização suprema. O pano de fundo histórico de *Esaú e Jacó* - o momento de transição Império-República - é a contraparte do conflito estritamente ficcional envolvendo Flora e os dois irmãos gêmeos. É sintomático, por exemplo, que os irmãos alternem suas simpatias por um ou outro dos regimes de modo a preservarem o antagonismo *ab ovo*: quando um é republicano, o outro é monarquista, e vice-versa. Antipatizados mutuamente, chegarão ao fim da narrativa do mesmo modo que, ainda no ventre da mãe, iniciaram suas trajetórias. Como poderia a moça definir-se se eram eles tão idênticos, não apenas fisicamente, mas sobretudo no seu impulso “histórico” de se anteporem um ao outro. As “certezas” que esgrimem durante sua pendência são ironicamente relativizadas no fato de que estão eles menos preocupados em sustentá-las do que em alimentar a chama da guerra particular. Dito de outro modo: Flora é um pretexto, uma das muitas “certezas” logo abandonadas em favor de outras. E Flora, que morre sem escolher o melhor dos dois, na sua abulia tem algo a ver com a indiferença com que o povo assistiu à mudança do regime. Como saber qual o melhor se, no fundo, eram eles tão parecidos?

¹⁷MEYER, Augusto. *Machado de Assis*. Porto Alegre, Globo, 1935. p. 45.